

ENCONTRO

SEMANAL



Arquidiocese
de Goiânia
Muitos membros, um só corpo.



Semanário da Arquidiocese de Goiânia – VI Edição – 28 de junho de 2014



Comunidade de comunidades: uma nova paróquia

pág. 4



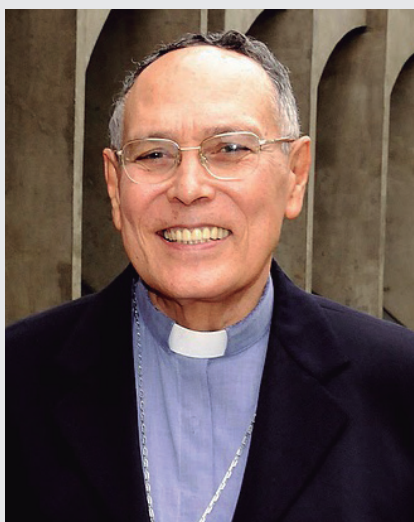
PE. RAFAEL VIEIRA

CRÔNICA DE ROMA

A vida de quem trabalhou por vários anos na Arquidiocese de Goiânia e, de repente, se vê na chamada “Cidade Eterna” não é uma tarefa simples. Eu já estive aqui quando fiz o Mestrado e

inicie o Doutorado em Teologia Moral, no início dos anos de 1990. Voltei a morar neste lugar, em 1998, quando fui convidado para fazer parte do projeto de celebração do Ano Jubilar na Rádio Vaticano.

Continua... **pág. 7**



PALAVRA DO ARCEBISPO

Dom Washington Cruz escreve sobre a beleza da liturgia, tema que segundo ele exige algumas renúncias da nossa parte, como: “à banalidade, à fantasia, ao capricho”.

pág. 2

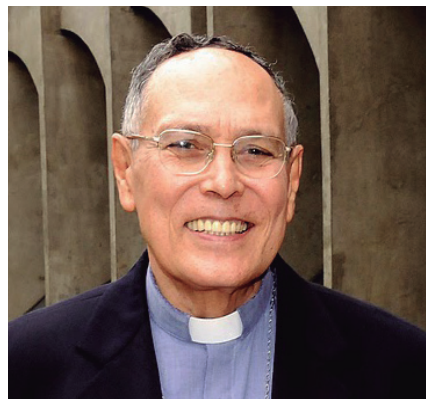


CORPUS CHRISTI

Confira como se deu a celebração de *Corpus Christi*, no dia 19 de junho, na capital. O evento reuniu cerca de sete mil pessoas.

pág. 3

PALAVRA DO ARCEBISPO



DOM WASHINGTON CRUZ, CP
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

A BELEZA DA LITURGIA

Dissertando sobre o tema, na Faculdade de Teologia de Nápoles, em 23 de novembro de 2003, Mons. Piero Marini, cerimonial de São João Paulo II, deu-nos conta não só do quanto a beleza é necessária à liturgia, de que beleza se trata mas, sobretudo, da sua própria experiência a serviço da liturgia papal. Passo a transcrever algumas passagens da conclusão da referida conferência: “A beleza da liturgia, pois, é antes de mais a beleza da simplicidade e do amor do gesto de Cristo, mas é também a beleza dos nossos gestos e a beleza dos sinais e dos elementos da criação que a liturgia ordena e harmoniza no tempo e no espaço. A beleza da liturgia é a ordem que alcança criar em nós, nas nossas relações com os nossos irmãos, a ordem que consegue criar na nossa relação pessoal com Deus. A beleza da liturgia é algo que nos ultrapassa. Não é a que se impõe subitamente à atenção, que

se faz ver através dos gestos, dos sinais e dos elementos materiais, mas, sobretudo, a beleza que eles deixam transparecer. Com efeito, é mais uma beleza que transparece que uma beleza que se vê. Se queremos ter uma bela liturgia, devemos deixar-nos guiar pela própria liturgia, pelo seu espírito, pelas suas normas.

A beleza da liturgia exige sempre alguma renúncia da nossa parte: renúncia à banalidade, à fantasia, ao capricho. Mais, importa dar à liturgia o tempo e o espaço que ela precisa. Não se deve ter pressa. Mais que à nossa iniciativa, importa conceder a Deus a liberdade de nos falar e de nos reunir pela sua Palavra, oração, gestos, música, canto, luz, incenso, perfumes. A liturgia, como uma composição musical, tem necessidade de espaço, de tempo, de silêncio, de despojamento de nós mesmos, para que as palavras, os gestos e os sinais nos possam falar de Deus...”

a) A participação ativa. “Na primeira fase de execução da reforma conciliar, a participação tomou um aspecto principalmente exterior e didático, degenerando, de seguida, frequentemente, numa espécie de participação a todo o preço e sob todas as formas. A liturgia não é a

soma das emoções de um grupo, nem, muito menos, o receptáculo de sentimentos pessoais. É, sobretudo, um tempo e um espaço para interiorizar as palavras que nela se escutam e os sons que se ouvem, para nos apropriarmos dos gestos que se realizam, para assimilarmos os textos que se recitam e se cantam, para nos deixarmos penetrar pelas imagens que se observam e pelos perfumes que se sentem”.

b) A presidência litúrgica. “A qualidade dos sinais exige, sobretudo, a qualidade da presidência da celebração. O que preside perante a assembleia não é apenas olhado, mas é também aprovado e julgado no exercício da função que exerce *in persona Christi* ou, se se quiser, como “ícone de Cristo”, no Espírito Santo. Entretanto, esta presidência não pode ser exercida sem levar em conta a qualidade da assembleia e sem ser capaz de responder às aspirações do Povo de Deus. Com efeito, quem preside, preside também, de certo modo, *in persona Ecclesiae*. Fugindo a toda a espécie de protagonismo, o padre, modelado pelo autêntico espírito da liturgia, presidirá a Assembleia como “aquele que serve” (Lc 22,27), à imagem d’Aquele de que é o pobre sinal. Também, a qualidade da presidência li-

túrgica, na sua forma mais alta e mais fecunda, estará muito além de uma simples arte de presidir, de um puro *savoir-faire*, de modo a tornar-se princípio de comunhão, na consciência interior de que o conjunto dos dons do Espírito Santo se encontra unicamente no conjunto da Igreja”.

c) A beleza e a dignidade do culto. “No começo do terceiro milênio, importa oferecer a imagem de uma Igreja que celebra, que reza, que vive o Mistério de Cristo, na beleza e na dignidade da celebração. Uma beleza que não é apenas formalismo estético, mas que está fundada sobre a “nobre simplicidade”, capaz de manifestar a relação entre o humano e o divino da liturgia. Trata-se do dinamismo da Encarnação: o que o Filho único, cheio de graça e de verdade, fez de modo visível, passou para os sacramentos da Igreja. A beleza deve transparecer a presença de Cristo no centro da liturgia: poderá ser tanto mais evidente quanto mais se possa apreender, nas celebrações, a contemplação, a adoração, a gratuidade e a ação de graças...”

Tem razão o Mons. Piero Marini, a liturgia continuará, graças também à sua beleza, a ser fonte e cume, escola e norma da vida cristã.

Caro leitor

Eles são mais de 51 milhões, foram obrigados a abandonar seus países de origem pelos mais diversos motivos. Desde a Segunda Guerra Mundial, o mundo não havia contabilizado uma cifra tão grande. Estamos falando dos refugiados.

Segundo um relatório divulgado na semana passada, veio à tona a vergonhosa realidade dessa parcela de seres humanos que sofrem em tendas, barcos, navios, acampamentos... Essas pessoas saíram de seus países fugindo de perseguições religiosas, étnicas ou políticas. Outras, devido às condições climáticas adversas como terremotos, *tsunamis*, seca etc. O silêncio das autoridades mundiais tem incomodado as entidades que trabalham diretamente com essa problemática.

As crianças somam 52% do total. Ou seja, a maioria. Muitas não têm familiares, o que aumenta a gravidade do problema. Elas estão mais expostas à exploração e a todos os perigos que essa situação pode trazer.

O destino, na maioria das vezes, são os países mais ricos, mas o Brasil também tem sido o destino de muitos refugiados nos últimos meses.

Para se ter uma ideia, em 2010 foram 566 pedidos de acolhimento aos órgãos oficiais do país, contra 5.256 em 2013 (dados do Comitê Nacional de Refugiados – Conare).

A Igreja

Em setembro de 2013, visitando uma casa de acolhimento para refugiados, chamada Centro Astalli, mantida há mais de trinta anos pelos jesuítas, o papa fez um pedido claro: “A Igreja não deve transformar os conventos vazios em hotéis para ganhar dinheiro; não são nossos, são para a carne de Cristo, que são os refugiados. O Senhor chama a viver com generosidade e coragem o acolhimento nos conventos vazios”. “Abram os conventos vazios de Roma para hospedar os refugiados”.

Esse foi o apelo direto do papa feito naquela ocasião e reforçado por meio de carta direta do Vaticano às congregações religiosas na diocese de Roma. Infelizmente, quase dez meses após a carta, o site da Rádio Vaticano informa que a resposta foi decepcionante. Apesar de elas possuírem cerca de 15.000 leitos para hospedagem, apenas 7 foram disponibilizados para atender ao apelo de Francisco.

Cá entre nós, o problema pode não parecer tão crônico, mas vivemos num mundo globalizado. É preciso atentar para o que está acontecendo.

ENCONTRO SEMANAL

Publicação semanal da Arquidiocese de Goiânia cujo objetivo é informar e formar sobre as atividades e ações da Igreja no Brasil e no mundo. Sugira, dê suas opiniões ou sugestões de pauta pelo e-mail jornal@arquidiocesedegoiania.org.br

Responsável: Dom Waldemar Passini, bispo auxiliar da Arquidiocese de Goiânia e vigário episcopal para a Comunicação
Coordenador do Vicom: Pe. Warlen Maxwell Silva Reis
Coordenador do jornal: Pe. Elenivaldo Manoel Santos
Jornalista Responsável: Fúlvio Costa (MTB 8.674/DF)
Redação: Fúlvio Costa, Lucas Dellamare
Revisão: Jane Greco

Diagramação e planejamento gráfico: Ana Paula Mota
Tiragem: 50 mil exemplares
Impressão: Gráfica Scala
Publicidade: Edmário da Silva e Kamila Mendonça

Contatos: jornal@arquidiocesedegoiania.org.br / arquidiocesedegoiania@gmail.com.
Fone: (62) 3229-2683/2673

ARQUIDIOCESE EM MOVIMENTO

Tomai e Comei: Este é o meu Corpo

Celebração de *Corpus Christi* ressalta a unidade dos fiéis no amor ao Senhor e ao próximo



TALITA SALGADO
Jornalista

No dia 19, quinta-feira, a Celebração de *Corpus Christi* reuniu cerca de cinco mil fiéis, na Praça Cívica. Alguns grupos chegaram antes da 7 horas da manhã para começar a confecção dos tradicionais tapetes, um trabalho que começa bem antes da data, segundo a jovem Letícia Marques da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges. Uma semana antes, o grupo já se envolve nos preparativos do material, e a motivação é forte: "O que nos incentiva a tudo é o amor de Cristo por nós, a entrega Dele, e hoje viemos agradecer a Ele por tudo que faz por nós." Em meio a jovens e famílias da sua comunidade, padre Rafael de La Torre, pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, destaca a importância de estar junto a seu rebanho nestes momentos: "Temos, como fala o papa Francisco, que ter o cheiro do povo, somos mais um com o povo, somos com ele, o povo fiel, batizados e cristãos, e para os cristãos fiéis, somos padres a serviço sempre do povo".

E a tradição se mantém firme, no encontro de gerações. É o que acontece com a família da D. Cremilda,

da Paróquia Cristo Ressuscitado, que na primeira vez em que participa já fez questão de trazer os netos. Segundo ela, é muito importante esse contato com a comunidade, ajuda na catequese e desde cedo insere as crianças na vida da Igreja.

Cerca de 350 pessoas se envolveram na ornamentação das ruas, em que cada um tem a sua função e contribui com seu dom. Valéria Araújo, da Paróquia Nossa Senhora Assunção, e uma equipe de 10

“ Só podemos caminhar com o Senhor e para o Senhor à medida que nos dispusermos a caminhar para os outros. ”

companheiros prepararam o lanche para mais de 50 pessoas que trabalharam na confecção de tapetes. Ela conta, com satisfação: "Começamos a fazer o lanche na noite anterior, acordamos de madrugada, mas é muito gratificante estar aqui".

Por volta do meio-dia, os 270 metros de tapetes estavam prontos, e, a partir das 16 horas, os fiéis e parte do clero já começavam

a chegar. Às 17 horas, iniciou-se a Santa Missa, presidida pelo arcebispo Dom Washington Cruz. Em sua homilia, convidou os presentes à vivência do Ano Mariano, que segue o propósito de unidade e encontro: "O Senhor nos está convidando, neste Ano Mariano missionário, a renovar a realidade do nosso ser Igreja Una. Irmãos e irmãs estão aqui por causa do Senhor e o Senhor está por causa de nós". Ressaltou, ainda, a importância da vida em comunidade, de servir ao outro. "Só podemos caminhar com o Senhor e para o Senhor à medida que nos dispusermos a caminhar para os outros", disse.

A procissão com Jesus Eucarístico sobre os tapetes foi um momento de forte emoção para os fiéis, que se sentiram recompensados pelo trabalho feito de manhã. É o que sintetizam as palavras do Sr. Vanderlei Godoy, da Catedral, que há mais de seis anos participa da preparação para a festa de *Corpus Christi*: "A emoção é muito grande, fazer os tapetes pela manhã e à noite, após a Santa Missa, a gente caminhar com Jesus vivo, presente do meio de nós." E com essa certeza da presença de Cristo, encerrou-se a celebração da festa, com queima de fogos de artifício e glórias ao Senhor.



Letícia Marques, Cassiano Lopes e Ir. Monique



Pe. Rafael de La Torre e jovens do grupo Rei Davi



Ilda dos Santos, Aparecida Maria Cunha, Valéria Araújo, Janice de Sá



Vanderlei Godoy



DEVOLVA O DÍZIMO E PARTICIPE DA MISSÃO EVANGELIZADORA EM SUA COMUNIDADE.

"Dê cada um conforme o impulso do seu coração, sem tristeza nem constrangimento. Deus ama o que dá com alegria". 2Cor 9,7

“Comunidade de comunidades: uma nova paróquia”

Não é de hoje que a Igreja no Brasil se preocupa com o tema “Renovação Paroquial”. Em 1962 foi implantado o chamado Plano de Emergência com o objetivo de revitalizar as paróquias. Dois anos depois, o tema da Campanha da Fraternidade seria “Igreja em renovação”, uma abordagem sobre o mesmo assunto. Outras campanhas vieram trazendo o mesmo enfoque e desde então, refletir sobre as comunidades formadas nas paróquias tornou-se constante.

Este ano, após dois longos anos de estudo, discussões, revisões e alterações, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou o seu documento de número 100, “Comunidade de comunidades: uma nova paróquia”, aprovado para publicação durante a 52ª Assembleia Geral, que aconteceu em Aparecida (SP) de 30 de abril a 9 de maio.

O texto é um trabalho árduo dos bispos do Brasil, voltado para as paróquias, bases para a ampliação e formação de pequenas comunidades de discípulos missionários. A Igreja, através desse documento, tem em mãos uma proposta-base de pensar e levar a cabo a formação de modelos sempre atuais de evangelização. A paróquia, nesse âmbito, é o caminho indispensável para a vivência cristã em estado permanente de missão.



Dom Waldemar Passini, bispo auxiliar da Arquidiocese de Goiânia, também acompanhou os estudos e o processo de elaboração do texto. O documento é importante, de acordo com ele, porque a paróquia é o ambiente onde se dá, de forma mais intensa, a vida da Igreja Católica. “As pequenas comunidades oferecem um ambiente de acolhida calorosa aos membros, permitem que se estabeleçam novos processos de iniciação cristã, com maior conhecimento da doutrina cristã, valorizando a leitura orante da Palavra de Deus e outros momentos de oração, e abrindo-se ao serviço missionário mais articulado”, explicou.

Na visão do bispo, a Igreja sempre irá investir na paróquia, primeiro porque proporciona a proximidade dos membros das comunidades, conforme ele explicou e depois porque se trata de um modelo atual de evangelização. “O modelo paroquial é atual, desde que haja atenção aos apelos próprios de cada tempo. Onde há entusiasmo pelo Evangelho, disponibilidade para o serviço ao próximo, capacidade de acolhimento e de oferta da iniciação à vida cristã, podemos dizer que ali temos paróquias atualizadas”.

Pároco em Cristianópolis e em São Miguel do Passa Quatro (GO), o padre Wenefredo Soares Filho, vê com bons olhos o novo documento sobre a renovação das paróquias lançado pelos bispos. Ele diz que é preciso observar a realidade de cada comunidade para a aplicação das propostas de conversão paroquial presentes no documento. A renovação paroquial se faz necessária através das “metodologias pastorais, da incitação à capacidade criativa dos presbíteros e dos leigos para encontrar novas respostas e soluções evangelizadoras”.

Concorda com o padre Wenefredo, o pároco da Paróquia Nossa Senhora Rosa Mística, do Setor Bueno, em Goiânia, o padre João de Bona.



“Sem dúvida, tornar a paróquia uma ‘comunidade de comunidades’ é o caminho exatamente para vencer o individualismo, o comodismo, e a falta de um engajamento maior dos próprios cristãos católicos na vida eclesial e também social e política”, disse.

O documento

Com 166 páginas, o documento 100 “Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia” é composto de seis capítulos: sinais dos tempos e conversão pastoral; Palavra de Deus, vida e missão nas comunidades; surgimento da paróquia e sua evolução; comunidade paroquial; sujeitos e tarefas da conversão paroquial e proposições pastorais.

O capítulo 4, Comunidade Paroquial, explica a essência da comunidade cristã que, nascida no seio da paróquia e inspirada pelo Espírito Santo, tem significado particular.



Essa singularidade faz dela, por exemplo, diferente de comunidades sociais ou políticas. Ressalta ainda que a paróquia é o espaço privilegiado da comunhão de pessoas.

Proposições pastorais é o último capítulo do documento. Apresenta pistas para a conversão paroquial, através de ações como acolhida e vida fraterna, iniciação à vida cristã, leitura orante da Palavra, liturgia e espiritualidade, incluindo o funcionamento da paróquia, seus conselhos, organização e manutenção.

Visão do futuro padre

Seminarista do terceiro ano de teologia do Seminário Maior São João Maria Vianney, da Arquidiocese de Goiânia, Renato Eduardo da Silva, em breve, poderá enfrentar a realidade de uma paróquia. Pelo caminho terá o desafio de trabalhar em comunidade e dar continuidade à missão de Jesus Cristo no núcleo paroquial. Sobre o documento, vê como uma proposta ousada de desenvolver “comunidades de fiéis católicos que vivem de Jesus, em torno da Palavra e da Eucaristia, numa dinâmica fundamentalmente fraterna e missionária”. Uma de suas preocupações é: “não cair no risco de implantar modelos próprios na paróquia”, já que “existem indicações para a organização paroquial, como o documento 100 da CNBB”.

A paróquia é feita de pessoas engajadas na sociedade

O modelo paroquial pensado

para os desafios dos nossos dias, conforme Dom Waldemar, é aquele formado de “núcleos com maior presença junto às famílias nas ruas e nos hospitais, creches, além do comércio local”. Para dar certo, continuou explicando, “exige muita coordenação, mais contato pessoal, aproximação das situações particulares, levando a Boa Nova”. Sintetizando, isso quer dizer “uma paróquia orgânica, com a participação das pessoas com as devidas responsabilidades, mais orante, com a valorização da mística da unidade e da fraternidade”, sem deixar de lado os inseridos e engajados na Igreja, as pessoas afastadas por motivos diversos, e até mesmo aqueles que não acreditam em Deus.

O documento 100 pode ser adquirido em livrarias católicas ou pela internet, no site das Edições CNBB www.edicoescnbb.com.br

Pontos fundamentais do documento

- Análise da realidade paroquial
- Reflexão histórica e teológica sobre a paróquia
- Dimensão comunitária
- Conversão paroquial e pastoral
- Significado da paróquia

PARÓQUIA: COMUNIDADE DE COMUNIDADES

Louvamos Sant'Ana porque é a mãe da Mãe de Deus

Através da devoção a Sant'Ana surgiu a primeira capela de Inhumas

A primeira capela da atual Inhumas foi construída em 1904, sob a coordenação do padre José Wendel. Emancipado em 1931, o município teve sua Igreja administrada, por mais de 30 anos, pelos missionários redentoristas, que duas vezes por mês iam, a cavalo, até a cidade. Entre eles estava padre Pelágio, que atuava pessoalmente na evangelização do povo daquela cidade, que nasceu como repouso de tropeiros a caminho da cidade de Goiás.

A Paróquia Sant'Ana foi erigida pelo então arcebispo de Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira, em 1940. Sant'Ana, padroeira do Estado de Goiás, começou a ser venerada ainda no início do vilarejo, segundo o padre José Vicente Barboza: "As famílias se juntavam para a reza do terço, em louvor a Sant'Ana, talvez por ser ela a padroeira do Estado de Goiás". A partir dessa devoção, a paróquia foi batizada de Sant'Ana. Os seus primeiros párocos foram o padre Domingos Pinto de Figueiredo e o padre Feliciano Santiago Robles, o primeiro a morar no município.

A atual matriz foi construída em 1950 e passou por reforma em 2007. Dois anos depois, no dia 16 de junho, aniversário de 69 anos da paróquia, Dom Washington Cruz presidiu a Santa Missa de dedicação da igreja. Atualmente a paróquia conta com segmentos que se destacam pelos trabalhos de evangelização e catequese realizados. Entre eles estão a Renovação Carismática Católica,

o Apostolado da Oração, o Movimento de Cursinhos de Cristandade, Movimento de Casais: Orientação para vivência Sacramental (OVISA), Jovens na orientação para vivência Sacramental (JOVISA), Preparação de Jovens ao Cristianismo (PJC), grupos de famílias e as pastorais da Criança e da Solidariedade. A paróquia conta ainda com o trabalho desenvolvido no Lar de Santana, que atualmente acolhe cerca de setenta pessoas idosas.

Saiba mais

A história conta que Sant'Ana foi a mãe da Virgem Maria e avó de Jesus. Aquela que, por parentesco e vínculo de sangue, esteve próxima de Cristo, assim como São José. Desde os primórdios os cristãos se referem a Sant'Ana, dizendo: "Louvamos a Maria porque é a Mãe de Deus. Louvamos a Sant'Ana porque é a Mãe da Mãe de Deus". Que mãe, depois de Maria, foi mais honrada, mais privilegiada que a mãe daquela que é a Mãe do seu Criador? Seu dia é comemorado pela Igreja em 26 de julho, mesma data de São Joaquim, avô de Jesus. Ambos eram estereis e de idade avançada. Viviam, apesar de todas as dificuldades, uma vida de fé e temor a Deus, quando então o Senhor os abençoou com o nascimento daquela que seria a mãe do Salvador da humanidade, a Virgem Maria.



Missas

Matriz

Domingo, 7h, 9h e 19h30
3ª-feira, 19h
1ª sexta-feira, 19h
Sábado, 19h

Igreja Santo Antônio

Domingo, 7h e 18h
4ª e 6ª-feira, 19h

Igreja São Sebastião

Domingo, 7h e 18h
5ª-feira, 19h

Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Domingo, 9h e 19h30
4ª-feira, 19h30

Comunidades rurais

Nossa Senhora Aparecida – Serra Abaixo, 6ª-feira, 19h
Nossa Senhora das Graças – Amargoso de Cima, 1º domingo, 15h
Santa Rita de Cássia – Amargoso de Baixo, 2º domingo, 15h
São Sebastião – Água Boa, 4º domingo, 15h
Santa Terezinha – Gramma e Cerrado, 6ª-feira da 2ª semana do mês, 19h
Povoado Santa Amália, sábado, 19h30

Pároco:

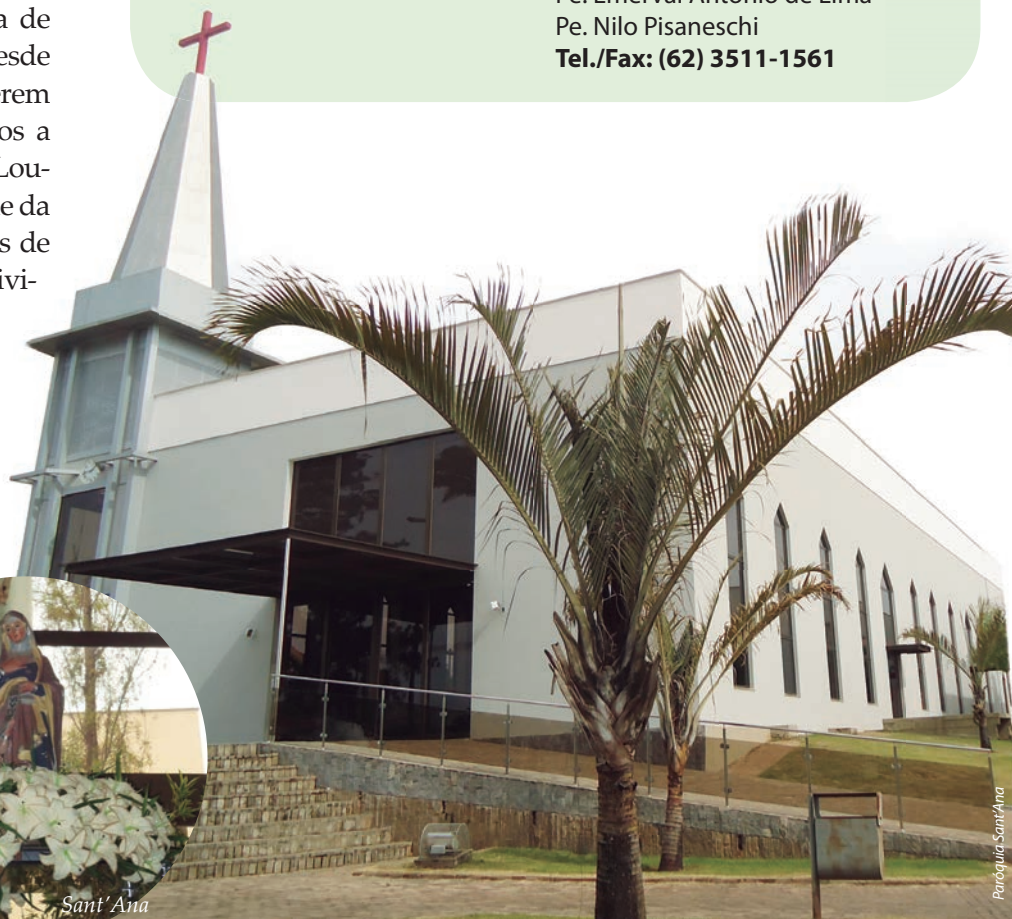
Pe. José Vicente Barboza

Vigários paroquiais:

Pe. Emerval Antônio de Lima

Pe. Nilo Pisaneschi

Tel./Fax: (62) 3511-1561



NESTA SEMANA CELEBRAM-SE

SÃO PEDRO E SÃO PAULO

No dia 29 de junho a santa Igreja comemora as duas grandes colunas da Igreja nascente: **São Pedro**, Príncipe dos Apóstolos e Vigário de Jesus Cristo, e São Paulo, o Apóstolo dos Gentios. Pedro, cujo nome era Simão, era filho de Jonas e pescador por profissão. Tinha juntamente com seu irmão André e com Tiago e João uma pequena frota de barcos pesqueiros. **São Paulo** tem uma das histórias de conversão mais marcantes da história da Igreja. Mostra o poder da graça divina, capaz de transformar Saulo, perseguidor da Igreja, no "Apóstolo Paulo" por excelência, que tem a iniciativa da evangelização dos pagãos.

SANTOS PROTOMÁRTIRES

A Igreja comemora, no dia 30 de junho, o dia dos Santos Protomártires em memória aos cristãos que sofreram o martírio durante perseguição feita por

Nero, imperador romano, no ano 64. A culpa do incêndio de Roma a mando de Nero recaiu sobre os cristãos que foram cruelmente martirizados.

SÃO TOMÉ APÓSTOLO

São Tomé foi um dos doze apóstolos de Jesus. Era israelita e seu nome consta na lista dos quatro evangelistas. É ele que pergunta a Jesus, durante a Última Ceia, sobre o caminho que conduz ao Pai (Jo 14,5-6). De temperamento audacioso e cheio de generosidade, percorreu as etapas da fé e professou que Jesus era realmente Deus e Senhor. Ausente na primeira aparição de Jesus ressuscitado, duvidou dos outros discípulos que o Messias tinha voltado. Jesus pôs-se no meio deles e disse: "A paz esteja convosco!". Disse depois a Tomé: "Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!" Respondeu-lhe Tomé: "Meu Senhor e meu Deus!" (Jo 20,26-28), e com essa resposta deixou-nos, por meio da sua profissão de fé, esta bela jaculatória.

CATEQUESE DO PAPA

O dom da piedade nos faz tranquilos, pacientes, em paz com Deus

Na Audiência Geral do dia 4 de junho, o papa Francisco retomou suas catequeses sobre os dons do Espírito Santo. Desta vez, para mais de 40 mil fiéis reunidos na Praça de São Pedro, no Vaticano, ele discorreu sobre o dom da Piedade, que segundo ele, se “nos faz crescer na relação e na comunhão com Deus e nos leva a viver como seus filhos, ao mesmo tempo nos ajuda a dirigir este amor também para os outros e reconhecê-los como irmãos”, explicou. Leia na íntegra, abaixo.

Hoje queremos nos concentrar em um dom do Espírito Santo que tantas vezes é mal entendido ou considerado de modo superficial, e em vez disso toca no coração a nossa identidade e a nossa vida cristã: trata-se do **dom da piedade**.

É preciso esclarecer logo que este dom não se identifica com ter compaixão de alguém, ter piedade do próximo, mas indica a nossa pertença a Deus e a nossa ligação

profunda com Ele, uma ligação que dá sentido a toda a nossa vida e que nos mantém sadios, em comunhão com Ele, mesmo nos momentos mais difíceis e conturbados.

1. Esta ligação com o Senhor não deve ser entendida como um dever ou uma imposição. É uma ligação que vem de dentro. Trata-se de uma relação vivida com coração: é a nossa amizade com Deus, dada a nós por Jesus, uma amizade que muda a nossa vida e nos enche de entusiasmo, de alegria. Por isso, o dom da piedade suscita em nós antes de tudo a gratidão e o louvor. É este, na verdade, o motivo e o sentido mais autêntico do nosso culto e da nossa adoração. Quando o Espírito Santo nos faz perceber a presença do Senhor e todo o seu amor por nós, aquece-nos o coração e nos move quase naturalmente à oração e à celebração. Piedade, então, é sinônimo de autêntico espírito religioso, de intimidade filial com Deus, daque-

“alguns pensam que ter piedade é fechar os olhos, fazer uma cara de imagem, fazer de conta que é um santo.”

la capacidade de rezar a Ele com amor e simplicidade que é própria das pessoas humildes de coração.

2. Se o dom da piedade nos faz crescer na relação e na comunhão com Deus e nos leva a viver como seus filhos, ao mesmo tempo nos ajuda a dirigir este amor também para os outros e a reconhecê-los como irmãos. E então sim seremos movidos por sentimentos de piedade – não de pietismo! – por quem está próximo a nós e por aqueles que encontramos todos os dias. Por que digo não de pietismo? Porque alguns pensam que ter piedade é fechar os olhos, fazer uma cara de imagem, fazer de conta que é um santo. No dialeto piemontês se diz “fare la mugna quacia” (ser fingido). Este não é o dom da piedade. O dom da piedade significa ser realmente capaz de alegrar-se com quem está na alegria, de chorar com quem chora, de estar próximo a quem está

sozinho ou angustiado, de corrigir quem está no erro, de consolar quem está aflito, de acolher e socorrer quem está precisando. Há uma relação muito estreita entre o dom da piedade e a mansidão. O dom da piedade que nos dá o Espírito Santo nos faz mansos, nos faz tranquilos, pacientes, em paz com Deus, a serviço dos outros com mansidão.

Queridos amigos, na Carta aos Romanos o apóstolo Paulo afirma: “Todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porquanto não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Aba! Pai” (Rm 8,14-15). Peçamos ao Senhor que o dom do seu Espírito possa vencer o nosso temor, as nossas incertezas, também o nosso espírito inquieto, impaciente, e possa nos tornar testemunhas alegres de Deus e do seu amor, adorando o Senhor em verdade e também no serviço ao próximo com mansidão e com sorriso que sempre o Espírito Santo nos dá na alegria. Que o Espírito Santo dê a todos nós este dom da piedade.

FORMAÇÃO MARIANA

MARIA NA CASA DE NAZARÉ

IR. MIRIAM THOMASSIM
Instituto Coração de Jesus

“No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus, a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem, que se chamava José, da casa de Davi” (Lc 1,26-28).

Maria era uma jovem da casa, da família de Nazaré. Quando a Sagrada Escritura nos revela que Maria é da casa de Nazaré, quer nos indicar a sua identidade como mulher israelita, jovem prometida em casamento, de uma família temente a Deus.

Como qualquer jovem daquele tempo, Maria foi ensinada a cultivar os costumes e a fé de sua família, a cultura de seu povo, foi preparada para o casamento, para constituir uma família. Era conhecedora da profecia messiânica.

Podemos aqui contemplar uma jovem, sensível e fiel à casa de seu pai e obediente à voz de Deus. O

que o anjo lhe anunciou era algo inexplicável para sua tenra idade, mas acessível para o seu imenso amor a Deus.

As imagens e esculturas que conhecemos da Senhora Sant’Ana, mãe de Maria, nos mostram a jovem Maria aos pés de sua mãe, escutando as Escrituras. Com certeza também Joaquim, seu pai, teve grande influência em sua vida.

O sim que a jovem Maria pôde dizer a Deus é fruto do dom que Deus lhe deu, preservando-a do pecado. Antes de ser Mãe, Maria foi uma filha da Casa de Nazaré, cuja família soube cultivar fielmente o dom recebido.

A Sagrada Escritura não nos indica detalhes desta família de Nazaré, mas o que nos revela é algo tão belo, que sua mensagem, em poucas linhas, traduz o que deveria ser cada família cristã, como a Igreja nos fala na *Familiare Consortio*: “À família é confiada a missão de guardar, revelar e comunicar o amor, qual reflexo vivo e participação real do amor

de Deus pela humanidade e do amor de Cristo pela Igreja, sua esposa.”.

É a Maria que o Senhor confiou ser a primeira testemunha da Encarnação de Cristo, tornando-a seu instrumento. Maria sempre está perto de seu Filho Divino e participa de todas as suas angústias e sofrimentos, e, como nenhuma outra pessoa, ela experimenta as alegrias de sua Ressurreição. A Igreja como mãe, participa intimamente de todas as dificuldades, alegrias, preocupações e sofrimentos dos membros de Cristo. É justamente a Igreja, que, sempre de novo, com Cristo, o Crucificado, padece a sua Crucificação.

Contemplamos Maria, nossa Mãe, na Casa de Nazaré, que acompanha, alimenta, protege e orienta seu Filho Divino. Maria é a Imagem da Mãe Igreja.

Todos nós, nossas famílias cristãs, que vivemos de forma tão especial a veneração a Maria, que manifestamos amor para com nossa Mãe, devemos não só venerá-la,



mas viver em fidelidade ao que ela nos ensina em sua vida.

“Que a Virgem Maria, Mãe da Igreja, seja também a Mãe da ‘Igreja doméstica’ e, graças ao seu auxílio materno, cada família cristã possa tornar-se verdadeiramente uma ‘pequena Igreja’, na qual se manifeste e reviva o mistério da Igreja de Cristo. Seja Ela, a Escrava do Senhor, o exemplo de acolhimento humilde e generoso da vontade de Deus; seja Ela, Mãe das Dores aos pés da Cruz, a confortar e a enxugar as lágrimas dos que sofrem pelas dificuldades das suas famílias” (São João Paulo II - *Familiare Consortio*).

COTIDIANO

CRÔNICA DE ROMA

PE. RAFAEL VIEIRA, CSSR

Hoje, no entanto, a cidade parece outra. Roma, aos meus olhos, especialmente na região em que vivo, a do Centro Histórico, tem deixado de ser uma cidade tipicamente italiana e passado à categoria de cidade internacional. As pessoas que mais encontro nas ruas perto de casa são chinesas e árabes. A proximidade da estação central de trens e da chamada parte imperial da cidade sempre fez com que essa região tivesse um burburinho especial de raças por causa do turismo e do fluxo de passageiros estrangeiros, mas a situação atual traz uma presença mais explícita, quase agressiva de quem não é italiano. O lugar de onde observo, acompanho e participo desse movimento é um conjunto de prédios de construção considerada recente perto da idade da cidade, de quase 3 mil anos, uma vez que a primeira parte das edificações foi realizada no século XIX. A Casa Geral dos Missionários Redentoristas está situada num ângulo privilegiado porque se encontra a poucos metros da Basílica de Santa Maria Maior e dela se pode ver, nos últimos andares, o anfiteatro mais conhecido do mundo, o Coliseu. Essa interessante localização tem suas desvantagens. O barulho das pessoas se mistura

com o dos carros com uma característica peculiar, a buzina. Qualquer hora do dia ou da noite, podem-se ouvir buzinas aqui nesse canto da cidade.

Basta que alguém venha viver em Roma e todo mundo já pensa que a gente não sai do Vaticano. Muitas pessoas de Goiânia já me perguntaram se me encontro muitas vezes com o papa. Oxalá fosse assim! Do lugar onde me encontro até a Praça de São Pedro deve ser o equivalente ao percurso que uma pessoa teria de fazer se morasse na Vila Canaã e trabalhasse na Avenida Goiás. Não é longe demais, mas também não é perto. E isso quer dizer que para poder ver o papa Francisco nas aparições públicas, eu preciso fazer um belo trajeto de ônibus ou de metrô. E veja bem: não se consegue, facilmente, chegar perto dele. Mesmo se tratando de uma pessoa simpática, afável e acessível, para se ter um encontro particular com o papa, é preciso ter uma razão muito especial segundo o entendimento das autoridades do Vaticano ou fazer parte de grupos que conseguem audiências particulares. Fora isso, para ver o papa, eu tenho de ir aos encontros das quartas-feiras, ou domingo, durante a oração do "Angelus", ou ainda, do modo como todo mundo aí da Arquidiocese de Goiânia pode ver, isto é, pela Televisão.

Na semana passada, no entanto, houve uma exceção e uma surpresa. Na Festa do Corpo de Deus, nossa região ganharia a graça de ver o papa em nosso "território". E naquela ocasião, os redentoristas ficariam com a melhor parte: a procissão com a Eucaristia passaria na *Via Merulana*, rua na qual está a portaria central do nosso prédio. O que significaria que se poderia ver Francisco da janela de casa. A segurança do Vaticano exigiu que não se ocupassem os terraços. Como se faz em muitas cidades da Europa, também a nossa rua estava toda enfeitada com estandartes e um sistema de som com caixinhas dependuradas, improvisadamente em postes, que possibilitava acompanhar os cantos. Aí, então, veio a surpresa. Papa Francisco, como costuma fazer nas ações litúrgicas, participou da celebração na Basílica de São João de Latrão, mas não passou diante da nossa casa na condução do cortejo em homenagem ao Santíssimo Sacramento. Fontes do Vaticano disseram que ele quis evitar o clima de "espetáculo" e que se poupou da caminhada para preservar a saúde que não esteve bem nos últimos dias. De todo modo, nos organizamos para fazer o que os italianos chamam de "*bella figura*". Um grande painel foi estendido na fachada do prédio com dizeres sobre a festa do *Corpus Christi* e, claro, levando a assinatura dos filhos de Santo Afonso Maria de Ligório, um grande incentivador do culto eucarístico.



Viver em Roma significa também, de certo modo, conhecer, em primeira mão, as surpresas do papa. Ainda que a gente não esteja grudado no Vaticano, ele é o personagem mais importante dessa cidade. Se alguém toma um táxi, aqui onde moro, e pergunta ao motorista qual o principal benefício que a cidade recebeu nos últimos meses, mesmo que ele não seja católico ou até seja anticlerical, tenho certeza de que ele vai responder: "Papa Francesco!". A chegada dele fez a cidade ganhar um dinamismo que não tinha há muito tempo e esse aquecimento tem ajudado os italianos a vencer a mais grave crise econômica de sua história recente. Desse modo, não há quem não goste dele ou não fale dele com simpatia. E todo dia se ouve dizer algo novo e bonito sobre o que ele fez ou disse. A vida em Roma conta por muitos aspectos culturais e religiosos, mas tem sido especialmente válida por dar a oportunidade de ver, de perto, o papa passar pela vida da cidade e do mundo.

Roma, junho de 2014

1ª ROMARIA DA SOLIDARIEDADE

Tradicional Festa em Louvor ao DIVINO PAI ETERNO

27 de junho a 6 de julho - Trindade-GO



ROMARIA 2014

SOMOS A FAMÍLIA DO PAI ETERNO

Venha participar conosco!

No próximo dia 2 de julho acontece a 1ª Romaria da Solidariedade. A concentração tem início a partir das 14h30, no trevo de Goiânia para Trindade, e a caminhada com destino à Capital da Fé começa às 15h, após a bênção de envio dos caminhantes. A acolhida da romaria será às 19h, no trevo da cidade, e o encerramento, às 20h, com a novena solene no Santuário Basílica do Divino Pai Eterno,

A 1ª Romaria da Solidariedade faz parte da tradicional Festa em Louvor ao Divino Pai Eterno, que este ano é realizada de 27 de junho a 6 de julho, em Trindade, com o tema "Somos a Família do Pai Eterno"!

PROGRAMAÇÃO - 2 DE JULHO

- Concentração no trevo de Goiânia a partir das 14h30
- Bênção de envio
- Saída da caminhada às 15h com destino a Trindade
- Acolhida da romaria no trevo de Trindade às 19h
- Encerramento com a Novena Solene no Santuário Basílica do Divino Pai Eterno às 20h

Proposta de leitura orante da Bíblia em preparação para o próximo Domingo



DOM WALDEMAR PASSINI DALBELLO
Bispo Auxiliar de Goiânia

Vinde a mim! Eis o maravilhoso convite que Jesus nos dirige. Nossa primeira resposta será 'ir e permanecer com ele' (cf. Jo 1,39) por algum tempo a cada dia, em oração.

O discipulado, o seguimento de Jesus Cristo, é uma experiência de vida com ele. Somos bem-vindos, sempre acolhidos por aquele que nos escolheu: *Vinde a mim!*

A única condição para a oração é a disposição para responder integralmente o convite de estar na presença de Jesus. Um pequeno gesto, o 'Sinal da Cruz' sobre si, um canto ou fechar os olhos e mergulhar pouco a pouco no ritmo da respiração, pode ajudar a recolher todo o ser na presença de Deus. Ele se antecipa no encontro de quem se dispõe a rezar. Porém, fica ainda a condição do orante estar realmente ali, em diálogo

confiante. Portanto, prepare o ambiente que facilite sua disposição de corpo e alma, tendo junto a si a Bíblia.

A missão e a pregação de Jesus chegam a cada um de nós ao abrimos o Evangelho. A Boa Nova nos dá a alegria de conhecer a atividade do Messias, como foi comunicada a João Batista por meio de seus discípulos: *Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: cegos recuperam a vista, paralíticos andam, leprosos são curados, surdos ouvem, mortos ressuscitam e aos pobres se anuncia a Boa Nova* (Mt 11,4-5). Hoje temos as Sagradas Escrituras, particularmente os evangelhos, que nos oferecem os dons do Verbo divino: *Ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar*. (Mt 11,27)

Texto para a oração: Mt 11,25-30 (página 1215 – Bíblia das Edições CNBB).

Com grande motivação, siga os passos para a leitura orante:

1. Leia uma primeira vez o texto, depois repita em alta voz as palavras de Jesus dirigidas ao Pai nos versículos 25 e 26: *Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra...*;
2. Releia todo texto e se detenha no convite de Jesus (versículos 28 a 30). Considere o desejo de Jesus de realizar um intercâmbio de fardos: você lhe dá sua sobrecarga e recebe o fardo leve de discípulo(a)! Converse com ele sobre essa proposta;
3. Traga à mente a condenação de Jesus, a humilhação sofrida e sua crucifixão. Um pouco de silêncio! (Depois, agradeça-lhe pela paz que vem da misericórdia e do perdão recebidos...).



Conclua com o 'sinal da Cruz' e um beijo respeitoso no texto bíblico, reverenciando a Palavra semeada em seu coração. Respire fundo, e viva seu dia com o *jugo suave e o fardo leve de Jesus, manso e humilde de coração* (cf. Mt 11,29-30).

(Ano A, 14º Domingo do Tempo Comum. Liturgia da Palavra: Zc 9,9-10; Sl 144 (145); Rm 8,9.11-13; Mt 11,25-30)

Isso sim é inovação!

PUC Goiás destaca-se como referência ao incentivo à cultura

LUIZ FERNANDO RODRIGUES
Estagiário de Jornalismo da PUC Goiás



Com o objetivo de desenvolver projetos e programas de natureza artístico-cultural, com foco em atividades voltadas para a sociedade e a Universidade, a Coordenação de Arte e Cultura (CAC) coordena e apoia atividades culturais desenvolvidas pela PUC Goiás e tem participado de festivais, mostras, simpósios e eventos de diversas áreas no país. Entre os principais objetivos da CAC destacam-se o fazer artístico e a criação em diversas modalidades, além do incentivo a

pesquisas e eventos que resgatam a cultura da região e do Brasil.

Para a ex-estudante do curso de Psicologia da PUC Goiás, Hélia Santana Fleury, 51, as oficinas contribuem para enriquecer técnicas e permitem uma boa interação entre os participantes dos grupos. "Comecei ano passado e já participo de dois grupos e faço uma oficina. Felizmente, conseguimos aprender muito porque nossa professora é dedicada", relatou.

Segundo o assessor de Produção Cultural, Levy Silverio da Silva Junior, uma das marcas mais fortes do trabalho desenvolvido pela CAC é o agrupamento em torno de projetos de coros, teatro, dança e artes visuais.

Bolsa de Incentivo à Cultura

Com o objetivo de atrair a atenção dos alunos para as ações cul-

turais e artísticas da Universidade, a Coordenação conquistou junto à Administração da PUC Goiás um incentivo para que os universitários continuassem a desenvolver os projetos. "Essa ação ampliou o interesse da comunidade ucegeana, o compromisso no desenvolvimento das atividades e a coroação com o retorno de muitos títulos, troféus e premiações dos grupos em todo o país", explica Levy.

A bolsa é um incentivo aos alunos que já participaram de algum grupo de Criação e Produção dos núcleos de Coordenação de Arte e Cultura da PUC Goiás, formado por aqueles que já têm preparo técnico suficiente para se apresentarem como elemento difusor da arte e da cultura.

Oficinas

No primeiro semestre de 2014, mais de 1.600 interessados se ins-

creveram para as 17 oficinas da CAC, oferecidas semestralmente aos alunos, professores, funcionários da Universidade e para a comunidade. A seleção é feita após o pagamento da taxa de inscrição no valor de R\$ 20,00 e através de testes e entrevistas. Após a aprovação, não há cobrança de mensalidades.

Entre as conquistas da CAC, destaca-se o prêmio Destaque Cultural de 2013, concedido pelo Conselho Estadual de Cultura de Goiás (CEC-GO), pelo conjunto histórico desempenhado pela Coordenação. Entre os destaques individuais aparece o ator Alejandro Claveaux, que fez parte dos elencos da novela "Malhação" e da minissérie "O Caçador", ambos da Rede Globo. O ator começou sua experiência em oficinas de teatro de Samuel Baldani e participou do Grupo de Teatro Guarã.